

ISSN 2675-7281
Volume 05 - Nº 26, Abril/2024

[عَم]CORPOS

revista pós-pornográfica de fotografia





Esta revista leva o selo DUOCU,
formado pelos artistas
Bruno Novadvorski &
Chris, The Red
www.duocu.art.br



editorial

“Atualmente, o termo “fetiche” sustenta uma carga bastante pejorativa, mas a palavra tem sua origem em “feitiço” e é também associada etimologicamente à palavra de origem latina *factitius*, originária dos termos “fictício” e “artificial”. William Pietz analisou essa conexão e indicou o caráter do feitiço como não natural, algo feito. Relacionado com o culto aos ancestrais e o culto a deuses pagãos, o fetiche está intimamente ligado

Direitos e Comprometimento:

As imagens constantes na [pós]CORPOS© são de autoria do seu criador - Chris, The Red - e por outros artistas que, gentilmente, as cederam para serem publicadas com as devidas permissões de direitos autorais.

A [pós]CORPOS© está comprometida com artistas e todos os direitos autorais estão reservados. Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do editor-chefe da [pós]CORPOS ou do artista.

Outras imagens - que possam ser utilizadas - são livres de direitos autorais. No entanto, se houver uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato.

São Paulo - SP

[pós]Corpos© é uma publicação bimestral idealizada e criada pelo designer gráfico, artista visual e fotógrafo Chris, The Red, co-fundador do DUOCU em parceria com o artista visual Bruno Novadvorski.

[\[www.thered.com.br\]](http://www.thered.com.br)

Volume 05, Nº 26, Abril/2024 (ISSN 2675-7281)

Edição e Redação Chris, The Red **Capa** Chris, The Red (fotografia) **Ensaio Fotográfico Principal:** Chris, The Red **Corpas Falantes:** Ronald Canabarro **Ensaios Pornossexualgráficos:** Ave Fufy Pyva Dy Siryus / Gabi Cerqueira **Logotipo** The Red Studio by Chris, The Red **Projeto Gráfico e Direção de Arte** The Red Studio by Chris, The Red

a uma cultura material, através de oferendas e objetos depositados, em especial, nas sepulturas e encruzilhadas. Para a Teologia cristã, tal exagero na materialidade e na personificação representaria mera superstição e, quando existem essas práticas supersticiosas, seria sinal que o diabo estaria agindo de alguma maneira”¹. Neste nova edição, Teo me permitiu fotografá-lo numa sessão em que seu corpo foi meu. Naquele momento, ele era meu, eu o possuía e podia cuspir nele, bater nele, chupar ele, meter fundo no seu cu. Eu era seu dominador e ele, meu sub. O prazer era de ambos. No fim, exaustos, jogados um ao lado do outro, suados, esgotados. Obrigado, Teo. Te espero para uma nova sessão com a algema já pronta. Na coluna Corpas Falantes, o texto livre e aberto de Ronald Canabarro em uma conversa livre com o livro de Órion Lalli. Obrigado, Ronald, pela confiança. Este espaço é seu. Por fim, nos Ensaios Pornossexualigráficos, Pyva anuncia seu nascimento. Um nascer transcendental e místico. Uma edição nova para provar que nossos fetiches são deliciosas experiências que fazem parte de nós. <3

Chris, The Red

bixa designer gráfico artista visual fotógrafo editor-chefe



¹ Saad, Luísa. “Fumo de negro”: a criminalização da maconha no pós-abolição (Portuguese Edition) (p. 164). SciELO - EDUFBA. Edição do Kindle.

Nota do editor

Esta é uma publicação de arte e fotografia que contém cenas de nudez, sexo explícito e genitais. Consulte com cuidado caso sinta-se ofendido. Todas as imagens presentes nesta publicação são de autoria do editor/criador Chris, The Red. Assim, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem prévia autorização.

Se tiver interesse de participar como modelo nos ensaios fotográficos das próximas edições, entre em contato: conexao@duocu.art.br



Rainnery por Chris, The Red (São Paulo, 2024)

Agradecimentos

Ave Fufy Pyva Dy Siryus

Bruno Novadvorski

Gabi Cerqueira

Ronald Canabarro

Teo

Somos Nossos Desejos... Também com Teo

por Chris, The Red































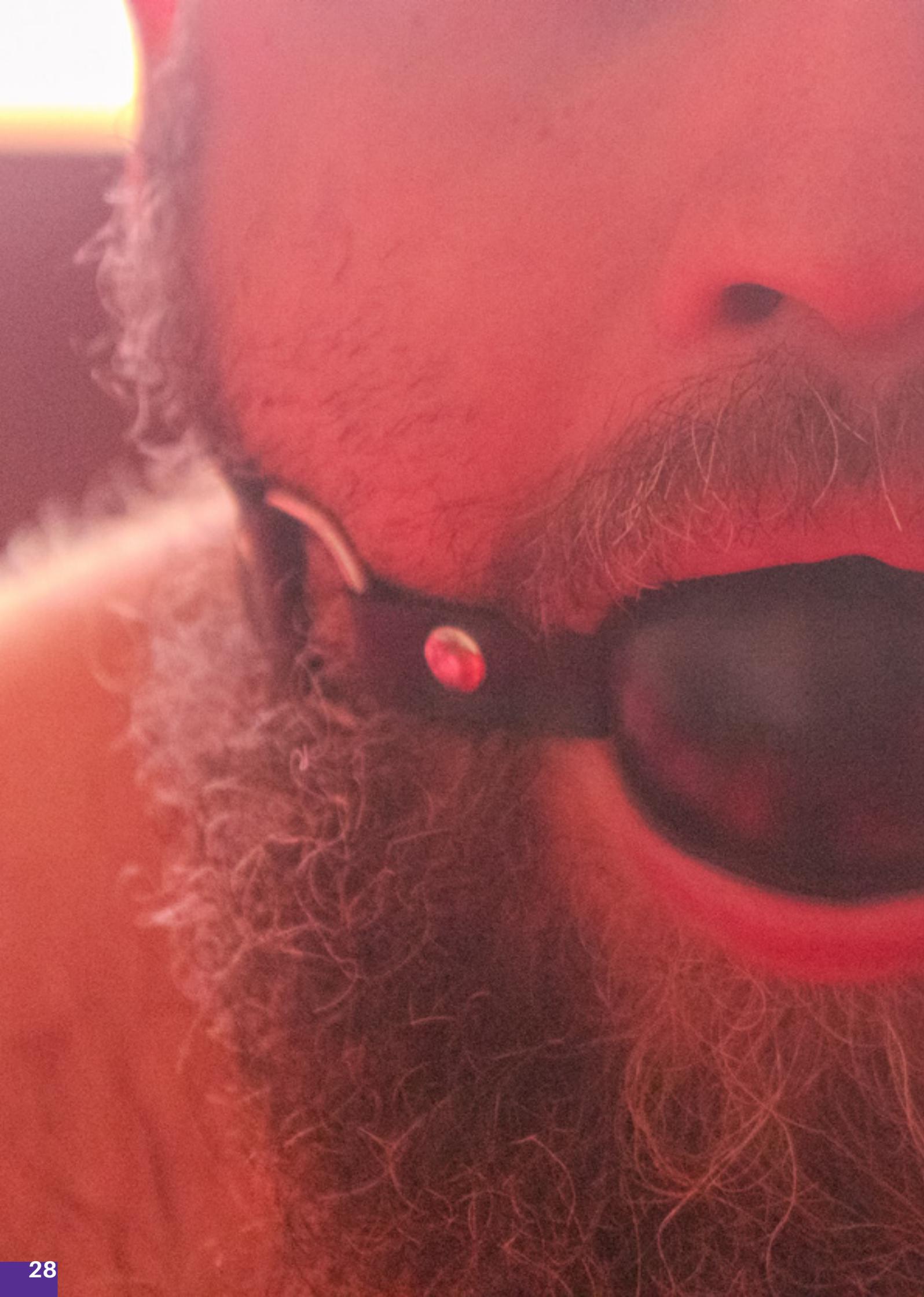


































































[pós]CORPOS: Teo
Fotografia: Chris, The Red
Rio de Janeiro/RJ, 2024

 @chris.thered

CORPAS FALANTES

**Isso não é uma
resenha
- ou de como
transar com um
livro -
Órion Lalli e "A
chave de casa eu
guardo onde?"**

Ronald Canabarro



Terminei de ler o livro “A chave de casa eu guardo onde?”, de Órion Lalli. Um livro rodado¹, que chegou às minhas mãos através de Chris, The Red². A maneira como tudo me penetrou, em suas palavras-imagens e nas imagens-texto que são construídas, será objeto de uma masturbação em palavras que aqui proponho a quem um dia desejar ler, a mim, e àqueles que se atravessarão nessa suruba textual.

O livro versa, entre outras coisas, sobre a jornada de exílio da autoria, em função de censura e perseguição promovida pela milícia da cidade do Rio de Janeiro, mas também pelo estado brasileiro, em função de suas obras artísticas. Em especial, sua obra “Todes es Santes renomeado #eunãosoudespesa” que fez parte da Exposição Visual Coletiva, realizada no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro, em 2020. Mas também é um recorte da vida da artista que se mostra sob várias facetas no livro. Tudo isso, também, com os acontecimentos em meio a Pandemia de Covid-19 e o (des) governo do atualmente inelegível e criminoso, ex-presidente desse país, que ficou entre 2018 e 2022 cometendo atrocidades nacionalmente e tirou do esgoto uma legião de gente parecida.

1 Órion assim o chamou, pois ele fica duas semanas na casa de alguém para ser lido e depois deve ser enviado para a próxima pessoa leitora

2 Para saber mais sobre essa bixa artista, acesse: <http://theredstudio.com.br/index.php/chris-the-red>

As obras de Órion Lalli se situam em uma zona de fronteira. São uma leitura queer de mundo e das artes ou, como ele mesmo afirma, todo o seu “trabalho é meio bagaceiro” (Lalli, s/d). E nisso, particularmente penso, o “bagaceiro” assume um lugar de não tentar e nem se esforçar em ser hegemônico, limpo, higienizado. Não há desejo de ser algo perto do universal. É particular, mas não necessariamente pessoal, posto que ele precisa “esmiuçar as tripas do próprio corpo” (Lalli, s/d), e é com elas que mostra ao mundo coisas que são de muitas de nós também. Entre suas obras, estão, de alguma maneira e com certa constância, as questões sobre o HIV/aids, o seu corpo bicha, a sexualidade vivida/expressada e, também, mais recentemente, sua vivência de pessoa refugiada. Ser “bagaceira” também tem sido um tanto do meu trabalho enquanto uma bicha historiadora. Já perdi as contas de quantas vezes ouvi que o que faço “não é História (sic)”. E essa, talvez seja, a minha primeira aproximação com a autoria.

Começo citando um trecho de um artigo produzido por Sarah My Diep, para o jornal francês Manifesto XXI, após ver a primeira exposição de Órion, na França, intitulada “DEUS TEM AID\$”: “A obra de Órion Lalli é uma religião, cheia de símbolos, rituais, textos sagrados e parábolas crípticas esperando decodificação”. É por aí que quero que você entenda a maneira como desejo elaborar minhas impressões, mas não só. Quero chamar para essa transa textual uma outra bicha artista, escritor, professor filósofo e costureiro-poeta, Jonas Samudio, a partir de sua obra “Pétala Pele”, de 2017³.

Na obra *Pétala Pele*, o autor nos convida a experimentar seu “sexo-de-ler” e, nos seus caminhos de escrita, busca pensar o texto como a pele que veste o corpo. Afinal, como Samudio (2017) afirma “quando se escreve, não há silêncio que chegue”. Órion, desde o início do seu livro, apesar das primeiras palavras serem ditas em forma de uma fotografia, nos desafia: seria possível escrever um texto-livro que deixe a quem escreve completamente nu? E, veja bem, não é pelo simples fato de que há fotos nuas dele no livro, mas seu texto é um constante desnudar-se. Quase um despedaçamento público. Ali, já na primeira página, pós capa, seu corpo armado com o pênis e um revólver entre as pernas nos oferece o seu livro como em eucaristia: “Tomai todos, e comei, isto é o meu corpo que será entregue por vós”. Ou, simplesmente, a cena 1: “abram as cortinas, o drama chegou”.

Órion não me atravessou somente pelo seu texto, mas pelo desafio de me fazer pensar a minha jornada pessoal, formada por um corpo-texto que viveu em exílio e em (auto) censura durante os últimos 23 anos. E já que “escrever é desaparecimento” (Samudio, 2017), deixarei também minhas chagas expostas num espaço-tempo de algumas folhas. Pois “é sobre não ser super-herói. Não ser forte o tempo todo e deixar que algumas coisas simplesmente te atravessem” (Lalli, s/d)⁴.

Uma primeira e importante questão que se mostrou à minha frente foi ver que Lalli descobriu seu diagnóstico de HIV em 2017, praticamente 36 anos depois do início da pandemia de aids e, mesmo assim, todos os discursos que se construíram sobre o vírus e a doença lá pelas décadas de 1980/1990, reverberaram nele como um prenúncio de morte. “também era uma puta! Fazia de tudo.” (Lalli, s/d).

4 O livro de Órion não apresenta números de páginas e tampouco registros editoriais. Preferi deixar sem data, porque acredito que essa seja sua primeira intenção, tornar o texto fora do tempo, não marcado pelo que foi, mas o que é em si mesmo.





Eu também sou uma pessoa vivendo com HIV, no meu caso, desde 2001. Tinha dezenove anos quando descobri meu diagnóstico e fazia apenas seis meses que eu havia tido coragem de me assumir como homossexual. Espera, eu odeio essa palavra, acho que homossexual designa figuras como o governador do Rio Grande do Sul - RS, Eduardo Leite (sempre acho irônico ser esse o sobrenome, mas isso é coisa para outro momento), e eu estou léguas de distância dessa imagem (e dou graças). Mas era isso, naqueles primeiros anos fora do armário da sexualidade e enfrentando a heteronormatividade conservadora da minha cidade no interior do RS, Passo Fundo, eu ainda não conseguia ser, e me fazer presença, como a bicha que sou hoje.

E veja só, esse é o primeiro texto publicizado em que saio do "segundo armário", como bem metaforizou Salvador Côrrea em seu livro com esse título. Assim como Órion, para fazer esse texto "desatei o nó na minha garganta à força. Arranquei a fórceps". Eu, 23 anos de diagnóstico positivo para HIV. Duas décadas e mais um pouco. Tenho mais tempo de diagnóstico do que sem ele. Soube minha sorologia apenas seis meses depois de transar pela primeira vez com uma pessoa do mesmo gênero que eu. Meio ano fora de um armário e logo em seguida trancafiado em outro. "Hoje penso em quantas camadas de violência e traumas que foram preciso atravessar. Muitas." (Lalli, s/d). Durante muito tempo, e até mesmo agora, assim como Órion, fico sempre com "medo de não pertencer a lugar nenhum".

Lembro nitidamente de quando fui informada do meu diagnóstico, de maneira muito abrupta e sem nenhum acolhimento pela médica que entregava os exames

feitos para quem ia doar sangue (sim, eu tinha ido doar sangue e foi assim que descobri). “Seu exame deu positivo para HIV”, me disse ela. “Dirija-se até o Hospital Dia, nesse endereço aqui”, e me entregou um bilhete com um endereço e telefone. Eu tinha 19 anos e essa era a última coisa que eu esperava ouvir naquele momento. Justo eu que sempre havia transado com camisinha? Justo eu que brigava com meus amigos e amigas para se cuidarem, quando me contavam que tinham transado sem camisinha? Sim, até aquele momento eu nunca tinha, conscientemente, transado “sem capa”. Não sei se numa transa com um casal de desconhecidos que me catou na rua em meio a um fevereiro quente, algum deles tirou a camisinha sem eu ver. Ou será que foi por sexo oral? As chances são ínfimas, mas existem relatos na literatura de alguns casos. De qualquer maneira, fui me dando conta que isso era o que menos importava, eu tinha um resultado e teria de lidar com ele.

Recordo também que os discursos correntes à época, década de 2000, eram de que os medicamentos poderiam dar uma “sobrevida” aos pacientes. Essa “sobrevida”, como aparecia, vinha acompanhada sempre de uma possível previsão de morte, 10 anos, talvez um pouco mais. As tecnologias estavam mudando, mas os discursos eram ainda muito cruéis. Introjetei isso tão forte que passei até os 30 anos achando que morreria nessa idade. Não morri. E estou indetectável desde 2002.

Tudo isso mudou, felizmente. Temos tecnologia suficiente para entender que uma pessoa vivendo com HIV tem praticamente a mesma expectativa de vida que uma sem esse diagnóstico. E olha que se compararmos com homens heterossexuais talvez nós, bichas positivas, tenhamos mais expectativa de vida do que eles (ironias da vida moderna). Afinal, acessamos a saúde e tratamos o que for necessário ao longo dos anos, sem negligenciar nosso corpo e agindo sobre diagnósticos o mais rápido possível. Para além disso, hoje sabemos muito bem que

peessoas indetectáveis há pelo menos seis meses, tem risco zero de transmissão do HIV. Indetectáveis, para quem não sabe, são as pessoas que fazem uso das medicações para o controle do HIV e passam a ter um número tão pequeno de vírus no sangue que o exame específico nem consegue detectar.

E por falar em tecnologia, hoje temos também a Profilaxia Pré Exposição – PrEP. Um comprimido diário ou sobre demanda, a depender da situação, que protege contra a infecção do HIV em pessoas que possam vir a ter alguma exposição. Distribuído pelo SUS gratuitamente, é uma alternativa complementar a proteção conjuntamente com outras tecnologias como a boa e velha camisinha, o lubrificante e a testagem frequente. Em cidades que adotaram políticas públicas sérias sobre isso, os índices de contaminação vêm caindo bastante⁵.

E veja bem, apesar de todas essas mudanças, os discursos correntes sobre HIV ainda são de morte. Órion deixa isso posto quando compartilha algumas das mensagens de acusação e ameaças que sofreu em função de sua exposição. As pessoas ainda imputam a um corpo vivendo com HIV a imagem de morte certa, rápida e sofrida. Mas essa não é a realidade de quem consegue acessar os medicamentos e tem acessos a materiais de sobrevivência. É necessário um recorte de classe e raça aqui, obviamente.

O estigma sobre os corpos com HIV, como o meu e de Órion, são sempre voltados para culpabilizar o indivíduo. “Tem isso porque transou sem camisinha,

⁵ Como exemplo dessa informação acesse: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/istaid/index.php?p=358290#:~:text=Na%20cidade%20de%20S%C3%A3o%20Paulo,semana%2C%20das%2018h%20%C3%A0s%2022h>. Acesso em: 22/03/2024.



agora aguento”, algumas vezes repetem. E é esse o ponto de encontro entre os corpos que vivem com HIV e o exílio. Viver com HIV e suportar todo o estigma e preconceito, é um estar em constante (auto)exílio. Com medo de como irão te expor, te humilhar, te demitir ou te tornar alvo de desprezo.

É aí que Órion produz sua arte, nesse lugar que irá ser lido por muitas pessoas com desprezo, com nojo, com medo. Mas a bicha não tem medo, meu bem! Ela se despedaça em frente ao leitor falando até de suas divagações internas, como quando lembra que a imagem de Jesus pregado na cruz e com joelhos esfolados, o fazia imaginar um Jesus que ficou horas dando o cu de quatro e por isso estava assim. Ou quando expõe suas questões sobre o seu “pititico”, seu pênis pequeno e sua pergunta: “quanto vale um artista vivo, vivendo com HIV, refugiado e de pinto pequeno?”

Esse ficar completamente nu em frente a plateia de leitores, para mim, assume um tom messiânico na obra. Não é à toa, me parece, que Órion produz tantas metáforas religiosas. A última ceia ou o beijo de Judas (2021), e sua despedida para mãe pátria Brasil é só mais um exemplo. No fim, em verdade, a morte de sua cidadania brasileira e o nascimento de seu caráter de refugiado na França são também uma metáfora de sua morte enquanto pessoa que vivia sem um diagnóstico e hoje vive com HIV. Mas de tudo mesmo sinto nesse livro, e no recorte que Órion dá para a sua história, algo como uma crucificação em público. Quando ele escreve que: o livro “é uma forma de resistência e liberdade de expressão, para que no futuro nenhum artista sofra as mesmas violências” que ele experienciou “na carne”, ele está entregando seu



corpo, como Cristo, como símbolo para um cessar de violência contra as pessoas que não estão produzindo arte para agradar um sistema em especial, mas porque sua arte e sua vida mostram muitas das contradições e mazelas que permeiam nossa sociedade.

Por fim, como ato final de (des)aparecimento, gostaria de trazer para esse texto, em que me desnudo junto à Órion, uma observação de que a pessoa artista que ela se apresenta, vê o HIV como um presente. Não sei se tenho a mesma sensação. Mas, o livro que li sobre um recorte da sua vida, esse sim recebo e absorvo sua eucaristia em forma de “Leite de Viado vivendo com HIV”⁶ e me ofereço em oferta. E apesar de saber “que encontrar não cessa a procura” (Samudio, 2017), quero que esse texto seja visto como uma ode ao nu que as palavras proporcionam. É pelada dos medos de censuras que me assombram, que desejo me juntar a Órion em seu culto e, para além do já dito, me expor através de quatro autorretratos feitos para serem compartilhados como nudes em algum momento entre 2023 e 2024: Merci, Lalli!

Ronald Canabarro. Bicha, historiadora, comunicador, criador do projeto @historiatransviada.



@paginadelinks.com/historiatransviada



@historiatransviada



Indetectável = Intransmissível

Ao longo dos últimos 20 anos, a ciência tem demonstrado que o tratamento antirretroviral é altamente eficaz na redução da transmissão do HIV. Agora, a evidência é clara: quando uma pessoa vivendo com HIV alcança a carga viral indetectável, o vírus deixa de ser transmitido em relações sexuais.¹



PrEP (Profilaxia Pré-Exposição)

Uma das formas de se prevenir do HIV é a PrEP, a Profilaxia Pré-Exposição. Ela consiste na tomada de comprimidos antes da relação sexual, que permitem ao organismo estar preparado para enfrentar um possível contato com o HIV. A pessoa em PrEP realiza acompanhamento regular de saúde, com testagem para o HIV e outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST).¹

¹ Fonte: Ministério da Saúde. Ver em <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada/prep-profilaxia-pre-exposicao/prep-profilaxia-pre-exposicao>



PEP (Profilaxia Pós-Exposição ao HIV)

A PEP é uma medida de prevenção de urgência para ser utilizada em situação de risco à infecção pelo HIV, existindo também profilaxia específica para o vírus da hepatite B e para outras infecções sexualmente transmissíveis (IST). Consiste no uso de medicamentos ou imunobiológicos para reduzir o risco de adquirir essas infecções. Deve ser utilizada após qualquer situação em que exista risco de contágio.¹

¹ Fonte: Ministério da Saúde. Ver em <https://www.gov.br/aids/pt-br/assuntos/prevencao-combinada/pep-profilaxia-pos-exposicao-ao-hiv>

ENSAIOS PORNOSEXUALIGRÁFICOS



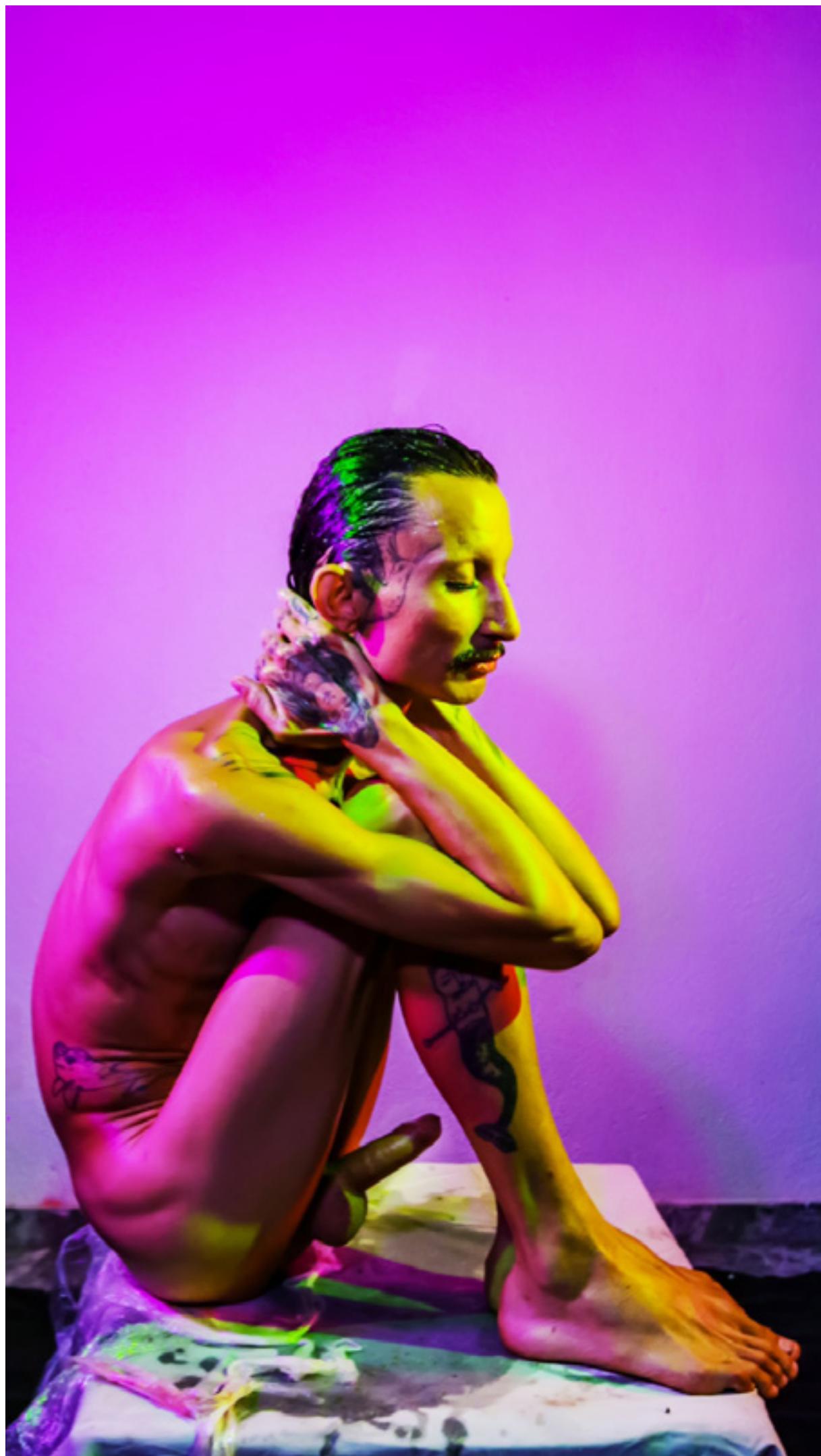
O Nascimento de Pyva

Concepção artística por
Ave Fufy Pyva Dy Siryus
Fotografia por Gabi Cerqueira

Nascer é uma experiência transcendental que mescla dor e prazer. “O Nascimento de Pyva” fundamenta-se na intenção de evocar a singularidade mística por meio do erotismo artístico, buscando abordar de maneira única, formas y métodos de narrar a experiência corpórea de Fufy. Invocando Billy Pyva para vivenciar essa experiência transcendental através do pornô místico. Ensaio realizado em parceria com a [Bluetape Mídia](#).



















Ave Fufy Pyva Dy Siryus. Nascido em Luziânia, é um artista autodidata, revelando seu talento nas artes visuais desde tenra idade. Aos 13 anos, ingressou na sala de recursos para alunos superdotados na rede pública do DF, aprimorando suas habilidades em desenho e pintura. Em 2011, deu início ao Curso de Artes Cênicas na Faculdade Dulcina de Moraes, destacando-se como idealizador e produtor do icônico Baile Dionisiaco, evento celebrado por 16 edições, no qual contribuiu ativamente na performance e cenografia, solidificando sua presença no cenário cultural. Como performer, seu trabalho se distingue pela fusão harmoniosa de erotismo e misticismo. Atualmente, participa do projeto “O Nascimento de Pyva”, uma jornada de longo prazo que almeja desvendar a transformação de seu corpo por meio de inquietações que exploram a dualidade entre dor e prazer. Este projeto se desdobra ao longo de uma década, resultando em um média-metragem que promete uma jornada artística provocativa, imersa nas intrincadas complexidades da experiência humana.

 @fufyverso

Tem um ensaio pornossexualigráfico (pornográfico, erótico, pós-pornográfico, explícito, metafórico e afins)? Envie seu ensaio entre 05 a 10 imagens e se ele for aprovado, será publicado em uma das edições da [pós]CORPOS.

Acesse e preencha o formulário:

<https://forms.gle/Fsbu8BpnWDDGu3iYA>

